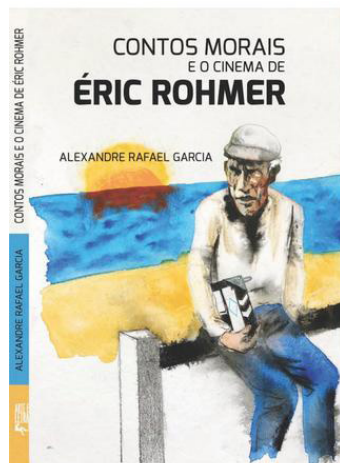


A BELEZA CLÁSSICA MODERNA DE ÉRIC ROHMER

Wellington Sari¹

Sobre GARCIA, Alexandre Rafael. *Contos morais e o cinema de Éric Rohmer*. Curitiba, PR: Editora Arte & Letra, 2019, 171 pp, ISBN 978-8560499991.



RESUMO: Trata-se de uma resenha crítica do livro *Contos morais e o cinema de Éric Rohmer*, do autor Alexandre Rafael Garcia, publicado em 2019 pela Editora Arte & Letra (Curitiba, PR) e contendo três capítulos. O referido livro foi criado por Garcia que atualmente é professor do curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP).

PALAVRAS-CHAVE: Cinema de Autor; Nouvelle Vague; Rohmer.

O cinema do francês Éric Rohmer, pseudônimo para Maurice Schérer, tem forte inclinação para a palavra, para o dito. Seria uma obviedade ultrajante, não fosse verdade, afirmar que a forma literária do conto é aquela que melhor traduz os anseios formais do realizador francês. A exigida precisão e concisão do gênero literário, aberto para captar a imensidão do acontecimento banal e, ao mesmo tempo, fechado, em *close*, para captar os chamados temas universais, exige um tipo de minúcia que se materializa muito bem nos filmes de Rohmer.

O livro de Alexandre Rafael Garcia, resultado de dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas, aborda a questão da tradução (a palavra em transformação para *outra coisa*) logo de imediato.

O primeiro conjunto de palavras oferecidas pelo interior do livro, antes mesmo do sumário, são versos da banda escocesa Teenage Fanclub, que atestam: “eu só espero que o verso seja bom/ eu odeio verosimilhança” (*tradução minha*). Trata-se de uma forma (ênfase na palavra forma) muito apropriada para se abordar o cinema de Rohmer, como ficará claro nas próximas 171 páginas que

¹ Mestrando do Programa de Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) na Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Graduado em Bacharelado em Cinema e Vídeo pela mesma instituição. Membro do GP Kinedária: arte, poética, cinema, vídeo (Unespar/CNPq). Artista e pesquisador, atua também como crítico, diretor e roteirista. E-mail: tomsari02@yahoo.com.br

compõe o livro. Como aponta Ramos (2019, p. 9), na introdução, “A modernidade do cinema de Rohmer se revela na estética, no modo de produção e na intensa rede de trocas que o realizador estabeleceu com o teatro, a literatura, a música [...]”. O livro de Garcia irá se dedicar a balançar a rede de um lado a outro, em um movimento que contempla questões estéticas do cinema rohmeriano e, também, questões de produção.

Dividido em três partes, cada uma com subdivisões, a obra tem como recorte o ciclo de filmes rohmerianos denominados Contos morais, que abarcam seis películas, majoritariamente de longa-metragem. O livro inicia com um apanhado sobre a formação intelectual de Rohmer, com ênfase no período em que se dedicou à crítica cinematográfica. O segmento é envolto pelo guarda chuva do autorismo, em que Garcia pontua elementos fundamentais deste pensamento crítico/teórico. Colocações de Bazin, bem como do próprio Rohmer, uma das importantes figuras a contribuir com as proposições do cinema de autor, solidificam o subcapítulo. Questões estilísticas, como a *mise-en-scène*, que servirão como ferramenta para Garcia no embate com os filmes, são aqui delineadas, a partir do pensamento de Rohmer, cuja contribuição para este campo fica evidente.

Em seguida, Garcia faz um breve panorama sobre os primeiros filmes do diretor, fora ainda daquele grupo que formariam os Contos morais. O autor contextualiza a importância menor destas obras e os coloca em perspectiva com as outras produções da Nouvelle vague, então em plena efervescência. A partir de definições de Michel Marie acerca dos preceitos da “nova onda”, Garcia situa a Rohmer como realizador que carregaria o espírito da Nouvelle vague por toda a carreira: “Éric Rohmer é o cineasta que se manteve mais objetivo e integrado ao projeto de cinema que a Nouvelle vague veio a consolidar no final da década de 1950[...]” (2019, p.36). Para encerrar a primeira parte, Garcia faz um breve análise de *Signo do leão* (1959), obra considerada irregular dentro da filmografia do cineasta francês.

O segundo capítulo é dedicado aos dois primeiros trabalhos que irão compor os Contos morais, bem como a formação da produtora Les films du Losange, em 1962. Uma vez que, como já mencionado, a compreensão do sistema de produção dos filmes de Rohmer faz parte do escopo do livro, a articulação das parcerias que o cineasta irá formar tem peso importante para as análises das obras, que acontecem no capítulo 3. O restante do capítulo apresenta outro aspecto relevante na carreira de Rohmer, no período de transição (com eventuais transbordamentos) entre a feitura de *O signo do leão* e o início, em longa-metragem, dos Contos morais. Trata-se da realização de obras para a televisão, de cunho documental. Garcia faz breve análise dos trabalhos de destaque. Para potencializar as implicações teóricas deste período na futura carreira ficcional de Rohmer, Garcia contextualiza a aproximação estética com Jean Rouch, a partir da perspectiva da ontologia baziniana. Antes de partir para a análise dos filmes propriamente dita, Garcia permita que se olhe pelo buraco daquilo que será um dos aspectos chave para o estudo das obras pertencentes aos Contos morais, que é a encenação “essencialmente realista, sob influência de muitos aspectos do cinema trabalhado por Jean Rouch” (2019, p. 54).

A terceira parte do livro, a mais extensa, concerne aos seis filmes que compõem os Contos morais. São eles: *A padeira do bairro* (1963), *A carreira de Suzane* (1963), *A colecionadora* (1967), *Minha noite com ela* (1969), *O joelho de Claire* (1970) e *Amor à tarde* (1972). A estrutura das análises empregada por Garcia repete-se durante todo o capítulo. O autor apresenta um resumo detalhado do enredo. Em seguida, contextualiza a obra em questão com os trabalhos antecessores, pontuando continuidades ou pequenas rupturas estéticas entre um filme e outro. Tanto para o trabalho de contextualização quanto para o de análise fílmica, Garcia dialoga com trechos de falas do cineasta francês. Ou seja, o discurso criativo emitido fora do universo da tela é levado em grande consideração. Feito isso, as análises se concentram nos aspectos formais, com perceptível ênfase ao trabalho de encenação, no sentido mais amplo (que inclui todos os elementos próprios da *mise-en-scène*) quanto no sentido do trabalho realizado pela figura dos atores. Para ilustrar os apontamentos acerca da *mise-en-scène* rohmérica, Garcia se vale de *frames* retirados diretamente dos filmes.

Na conclusão, Garcia faz um apanhado dos temas tratados até ali. Há ênfase no aspecto multidisciplinar no cinema de Rohmer, tanto no sentido estético como de produção. O autor ressalta como o modelo de produção adotado pelo realizador francês tem grande relação com as escolhas estéticas que permearam os filmes que compõem os Contos morais. Há uma clara tentativa em pontuar a unidade e coesão (de conto!) entre todas as facetas de Éric Rohmer apresentadas no livro: o crítico, o teórico, o encenador, o produtor, o escritor etc. Garcia escolhe encerrar o trabalho destacando que a obra de Rohmer tem como objetivo maior promover a beleza. Dentro de um certo conceito de beleza, oriundo de um certo tempo e espaço, é possível dizer que o cineasta francês realizou um conjunto de filmes bastante coeso e peculiar dentro da história do cinema. A partir do que é levantado por Garcia, é possível compreender que tal conceito de beleza tem fortes influências clássicas. Sendo assim a ideia de beleza rohmérica parte da unidade, da harmonia, do equilíbrio. Impressiona, como demonstra o autor do livro, a capacidade de Rohmer em ponderar o clássico e o moderno. É um cineasta que conserva, mas transforma em mármore. Transforma em raio. Verde, e de muitas outras cores.

REFERÊNCIA

GARCIA, Alexandre Rafael. **Contos morais e o cinema de Éric Rohmer**. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2019.

Recebido em: 14/02/2020

Aceito em: 10/03/2020